

*À Biblioteca Central*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

*Boletim 149*

*Lingua e Literatura Grega n.º 4*

ALÚZIO DE FARIA COIMBRA

# ATRIDAS

NA QUERSONESO DOS TAUROS



SÃO PAULO  
1 9 5 2  
B R A S I L



*Jarramini*  
S.P. 16/6/52

# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor:

Prof. Dr. Ernesto Leme

## Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Diretor:

Prof. Dr. E. Simões de Paula

Cadeira de Língua e Literatura Grega:

Prof. Aluizio de Faria Coimbra

Assistente: José Lazzarini Junior

Auxiliares de ensino: { Hilda Penteado de Barros  
Gilda Maria Reale



Tôda a correspondência relativa ao presente Boletim deverá ser dirigida à Cadeira de Língua e Literatura Grega, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Caixa Postal 8.105  
SÃO PAULO — BRASIL .



Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

(\*) Como numa batalha, em que as mais belas vitórias só florescem à custa do sangue e do alento dos que tombam, nenhuma entidade firma os seus alicerces para o futuro das gerações, sem o sacrificio de vidas preciosas, que vão ficando pelo caminho. Antes que os sinos de altivas catedrais logrem alçar suas vozes triunfais anunciando a coroação da obra, já não vivem muitos dos primitivos obreiros que formaram as bases do monumento. Nem há fugir dessa angustiosa contingência. «Na grande viagem de trânsito dêste a outro mundo, diz o mestre da língua, não há «possa ou não possa», não há querer, ou não querer. A vida não tem mais que duas portas: uma de entrar, pelo nascimento; outra de sair, pela morte. Ninguém, cabendo-lhe a vez, se poderá furtar à entrada. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída. E, de um ao outro extremo, vai o caminho, longo, ou breve, ninguém o sabe, entre cujos termos fatais se debate o homem, pesaroso de que entrasse, receoso da hora em que saia, cativo de um e outro mistério, que lhe confinam a passagem terrestre. Não há nada mais trágico do que a fatalidade inexorável dêste destino, cuja rapidez ainda lhe agrava a severidade.»

Sim, argamassa ou cimento algum consegue firmar para a posteridade as criações humanas, senão essa liga que se prepara mediante o pesado e insondável preço de vidas que se sacrificam para que o monumento se erga e não pereça. Através de lutas incessantes, de árduas lutas de obra que se inicia, a nossa Faculdade, caro e saudoso amigo, dileto e valoroso colega, a nossa casa mal havia dispendido um óbolo dêsse incontrastável tributo. Eis senão quando a estranha visitante ali penetra, para arrancar do nosso convívio um dos primeiros companheiros. E êle, que, despreocupado, mal se demora numa viagem que supunha curta, entra na grande viagem, da qual não há voltar. Morre o batalhador, mas não morre o nome, que perdurará entre as pedras

---

(\*) Elogio fúnebre proferido em 25 de Julho de 1951 junto ao túmulo do Prof. Dr. Aluizio de Faria Coimbra, em nome da Reitoria da Universidade de São Paulo, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo, pelo Prof. Dr. Pedro de Almeida Moura.

sagradas do monumento *aere perennius*. Ficarás, sim, porque, na verdade, não morreste: foste antes, apenas. Antecipaste, sômente, a jornada infinita, que, um a um, haveremos de seguir, quando for chegada a hora. Vives e viverás sempre na estima e na amizade dos que ficam. A Reitoria da Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, a que tanto amavas, de que foste preclaro filho espiritual e mestre dos mais cultos, vêm, pór meu intermédio, bom amigo e colega, apertar a tua mão, como em despreocupado afastamento. Bem sabemos que foste inopinadamente colhido pelo golpe do tempo, não o foste na compreensão sutil da sabedoria grega, de que eras familiar, daquele saber amável do imortal Homero, que, em versos imperecíveis, já comenta a dolorosa limitação da vida humana, tão semelhante à erva, que cedo viceja e já de tarde está ressequida e é arrastada pelo vento. Vejo-te ainda, vivo entre nós, folheando os velhos clássicos, aqueles mestres imorredouros da velha Hêlade, onde colheste o mais belo exemplo de atitudes cortezes, de amizade discreta e cheia de serenidade.

Vem dizer-te adeus a Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo, a que emprestaste o brilho do teu saber, a penetração do teu espírito analista, saber de «experiência feita», difícil saber que vai buscar nas origens o mistério e a vida das palavras. Com que satisfação sabias ver, o que poucos sabem ver; como era grande o teu entusiasmo de professor diante de um achado linguístico e, sobre tudo, como era vibrante o teu desejo de ver mais largamente amadas, muitos mais cultivadas as grandezas das letras gregas. O apuro e o gôsto que dedicavas aos estudos helenísticos eram bem o entusiasmo do imperador Juliano, sentindo em pleno coração o crepúsculo e a derrocada final da beleza antiga ante a fúria crescente da vulgaridade, que haveria de triunfar, como triunfou, séculos afora. A tua fé no classicismo era, talvez, mais. Era a convicção de um apóstolo do Cristianismo primitivo, que sabia, num saber profundo, intuitivo e divinatório que «a pedra que os edificadores regeitaram, será posta por cabeça de ângulo.» Sim, um dia, num porvir muito distante, quando já tiver passado o *mare-magnum* do mau gôsto, da pobreza espiritual e do vazio dêste século. Poucos dias antes de partires, comentávamos juntos o «Prometeu», de Goethe. Releio agora, em piedoso recolhimento, a teu lado, o estupendo momento, aquele, precisamente, em que Pandora, cheia de sobressalto, interpela o rebelado, inquirindo: «E além da morte?» Ao que Prometeu responde:

**«Quando tudo, ambições, tristezas e alegrias,  
Em proceloso embate hajam se extenuado,  
Na delícia da lassidão, tudo será refeito.  
Tornarás a viver e, em renascendo, rejuvenescerás,  
Para, de novo, te encheres de medo, de doces esperanças  
E de novos desejos!»**

**Sim, meu amigo, a vida não termina aqui. E a mais bela prova  
é a de que continuas e continuarás vivendo, mais que em nossa  
memória, dentro do nosso coração.**

**Adeus, dileto amigo e colega!**







**\* QUERIDO MESTRE!**

Uma inexplicável determinação da Providência veio ferir profundamente o coração dos teus. Deixaste, no seio enlutado da família, a ausência de teu espírito de pai; na alma de teus discípulos a irreparável lacuna do mestre venerável e estremado; dentro e fora da Faculdade, no hemisfério das letras e do Humanismo militante — o vazio insubstituível de uma grande promessa.

Aqui, bem perto do teu espírito, através destas palavras pálidas e desfiguradoras, está o depoimento da mocidade que tanto te deve; o testemunho de uma geração que passou pelo entusiasmo de teu ofício, que comungou todos os dias com as tuas preleções, que carregou de teus lábios a lição do verdadeiro apóstolo do magistério. Aluizio, tu foste querido, respeitado, admirado por todos aqueles que te conheceram com o coração. Desfigurado, algumas vezes, por aqueles que não viveram na intimidade de teu espírito, soubeste transubstanciar a incompreensão dos desafetos numa reserva de quem perdoa como um sacerdote.

A tua falta não tem reparação. Ficámos órfãos de tua bondade paternal, daquela bizzarria que criava em tórno de ti um halo de fascinação, daqueles encontros agradáveis pelos corredores de nossa escola, quando as tuas palavras, na despedida, deixavam sempre no coração dos que te queriam o eco de uma expressão de beleza, através do teu impecável sentimento helênico. Eras o tipo apolíneo na acepção moral do adjetivo: sedento de luz, impecável na dignidade pessoal, vibrante de comovido civismo, épico e solene na linguagem, deitando continuamente no coração de teus discípulos a semente do otimismo, a segura compreensão da responsabilidade no magistério e o carinho de tua alma boa, cavalheiresca, imaculada.

Foi por isso, Aluizio, que em nome daqueles que militaram como satélites na cadeira que regeste, venho depositar ao pé desta hora derradeira a prece comovida e sincera, penhor de uma gera-

---

(\*) Discurso pronunciado por ocasião do sepultamento do Prof. Dr. Aluizio de Faria Coimbra, no dia 25 de Julho de 1951.

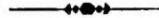
ção universitária que te deve tanto; e afirmar também que a imagem de tua alma estará continuamente gravada no coração dos que sobrevivem, porque o eco de tuas palavras reboia perenemente na memória dos que privaram com o teu espírito.

Deixaste, na terra, espôsa, filhos, discípulos e amigos. Deixaste-nos tão cedo ainda, quando a aurora despontava. Mas não importa. Nos profundos de nossa alma sensibilizada a tua lembrança não se apaga mais.

**JOSÉ LAZZARINI JÚNIOR**

Primeiro assistente do Prof. Dr.

Aluizio de Faria Coimbra



Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

(\*) Com a singeleza e a gravidade desta cerimônia que aqui nos reúne quer a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo render o preito de sua saudade à memória do Professor Aluizio de Faria Coimbra, arrebatado — e tão prematuramente! — ao nosso convívio e à nossa fraternal e afetuosa estima. A êsse sentimento de real amizade e de fundado aprêço e admiração, fez êle jús pelos dotes de seu coração e do seu espírito, e pela inteireza e dignidade de sua vida. Aluno desta Casa, e depois seu ilustre professor, aqui passou treze anos de sua vida, conquistando o respeito geral, a simpatia de quantos o conheceram de mais perto, o acatamento de seus discípulos, de modo que todos se rejubilavam com a ascensão de sua carreira no magistério das letras clássicas.

\*

Para o mundo a um tempo severo e amável do humanismo, para a conquista de seus escondidos tesouros, Aluizio de Faria Coimbra se preparou com tenacidade e dedicação, pois desde os tempos de estudante ginásial revelou a sua vocação intelectual e a têmpera clássica do seu espírito. Disso nos dá testemunho um contemporâneo de colégio, hoje distinto professor no Ceará, o Sr. Martins Aguiar, ao escrever, em 1942, em um jornal de Fortaleza: «Aluizio de Faria Coimbra foi o rapaz de mais talento e de mais cultura que conheci. Terceiranista do Liceu, era um latinista bem orientado, um linguista incipiente de valor e um apreciável sabedor de humanidades.» Assim se expressou o Sr. Martins de Aguiar, ao traçar em palavras entusiásticas o perfil do moço Aluizio. Ainda que quiséssemos levar o calor do julgamento à conta de amizade ou da saudade dos tempos idos, é certo que só um estudante distinto entre os demais deixa de si, de maneira perdurável, essa recordação lisongeira.

Aluizio Coimbra não a desmentiu depois, antes a confirmou pela vida afora, legando-nos uma obra ainda fragmentária, mas na qual se acentuava cada vez mais uma decidida capacidade de investigação e de análise dos fatos da linguagem. Esta obra re-

---

(\*) Discurso pronunciado na sessão solene da Congregação da Faculdade de Filosofia, em memória do prof. dr. Aluizio de Faria Coimbra, no 30.º dia de sua morte.

vela ainda uma pronunciada tendência, bem orientada, no sentido de ultrapassar a análise de um determinado fato, que lhe feriu a atenção, e de situá-lo no amplo quadro da linguística geral.

Tive-o como aluno e como colega. Nunca o ví desdizer-se, em seus estudos e trabalhos científicos, da mais rigorosa probidade intelectual, e, em suas relações sociais, da mais refinada polidez. Homem de disciplina interior, nunca perdeu o domínio de si mesmo, o govêrno de seus atos e de suas palavras. Era dos que pensam que a atividade intelectual se entrava pela desordem das idéias e dos sentimentos, e vêem na disciplina interior a condição primordial da liberdade. Foi esta, segundo me parece, a lição de tóda a sua vida.

\*

Nasceu Aluizio Coimbra aos 22 de maio de 1903, no Recife, mas fez em Fortaleza os seus estudos secundários, e aí se matriculou, em 1921, na Faculdade de Direito. Em 12 de dezembro de 1925 recebeu o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais, tendo sido orador de sua turma. Ainda estudante, inciou-se no magistério, lecionando no «Colégio Nogueira», da Capital do Ceará, e fundando o «Instituto Araripe Júnior», que dirigiu, até 1925 em Fortaleza, e até 1927 na cidade de Viçosa, do mesmo Estado. Foi professor de latim, francês e português.

Transferindo-se para o Estado de Minas Gerais, aí exerceu, em 1928 e 1929, a promotoria pública e a judicatura, respectivamente nas comarcas de Peçanha e Formiga. Mas não abandonou o magistério, pois lecionou nas Escolas Normais de uma e outra cidade. Passou-se finalmente de Minas para São Paulo, onde fixou com ânimo definitivo o seu domicílio. Trabalhador e competente, continuou aqui a sua carreira de advogado. Associou-se em breve ao escritório do moço jurista que já então era o Dr. Luciano de Campos e aí se manteve até que a Revolução Constitucionalista de 1932 e a consequente expatriação do ilustre progenitor dêste, o Sr. Dr. Silvio de Campos, levaram ambos a encerrar o seu próprio escritório, a fim de assumir a responsabilidade dos múltiplos interesses confiados ao patrocínio dêste último. Pelas obsequiosas informações que me foram prestadas pelo Dr. Luciano de Campos, sei que a colaboração de Aluizio Coimbra era julgada de valor nêsse escritório, onde se mantêm as tradições de uma família de juristas e homens de Estado. Em Aluizio Coimbra viam os seus colegas de escritório uma personalidade completa de advogado, e prezavam por isso a sua cooperação. Mas, pergunto eu, de que notas se comporá essa personalidade, êsse tipo modêlo de advogado? Não serão, por ventura, a inteligência, a cultura, a retidão moral, a dedicação ao trabalho, a honestidade

nas consultas, a perspicácia e a quase intuição da incidência da norma jurídica na hipótese concreta? Se assim é, bem compreendo que o nosso saudoso companheiro realizasse esta figura invejável. Pois nesse conjunto de qualidades, a virtude técnica se nutre de uma seiva profunda e largamente humana, sem a qual a missão de advogado degenera numa casuística estreita e retorcida.

Do advogado ao juiz a transição é natural. «Na missão de advogado», disse Ruy Barbosa, «também se desenvolve uma espécie de magistratura. As duas se entrelaçam, diversas nas funções, mas idênticas no objeto e na resultante: a justiça. Como o advogado, justiça militante. Justiça imperante, no magistrado.» Aluizio Coimbra, como já vimos, exercera a judicatura antes de vir para São Paulo. Aqui a exerceu de novo, em uma outra esfera, como presidente de uma das «Juntas de Conciliação e Julgamento» da Justiça do Trabalho, onde mais uma vez se revelou o seu espírito de serenidade e equilíbrio.

Em São Paulo constituiu família pelo seu felicíssimo consórcio com aquela que lhe foi sempre esposa dedicada, inspiração e conselho de sua vida.

A carreira jurídica lhe abria, como temos visto, perspectivas favoráveis no conceituado escritório de que fazia parte. Mas a sedução dos estudos humanísticos era nêle poderosa e irresistível, como igualmente o era a vocação do ensino.

Ei-lo matriculado em princípios de 1938 no Curso de Letras Clássicas e Português desta nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, cujas aulas frequentou com assiduidade e entusiasmo, pois aqui encontrava o que havia sido a aspiração de sua inteligência: um centro de estudos gregos e latinos sob a direção de mestres eminentes: os professores Vittorio De Falco e Urbano Canuto Soares. E aqui se graduou em dezembro de 1940, com distinção em tôdas as cadeiras. Mas já em abril dêsse ano de 1940, quando ainda aluno do 3.º ano, por convite da Diretoria da Faculdade, assumira a regência da Cadeira de Latim no Colégio Universitário, então existente, e no mês de outubro passou oficialmente, por ato do Govêrno do Estado, a professor contratado dêsse mesmo curso. No ano de 1941 lecionou Grego, Latim e Lógica no «Liceu Rio Branco» e no «Curso Bandeirantes».

A convite do professor Vittorio De Falco desempenhou o cargo de Assistente da Cadeira de Língua e Literatura Grega, e, com a partida para a Italia dêsse ilustre mestre, em abril de 1942, assumiu a responsabilidade da cátedra por designação da Faculdade e ato posterior do Govêrno do Estado.

Foi desde 1942 o titular da cadeira de Língua e Literatura Grega da Faculdade «Sedes Sapientiae» e da cadeira de Grego do «Colégio das Cônegas Regulares de Santo Agostinho».

Como seu companheiro nesses dois últimos estabelecimentos de ensino superior e secundário, posso atestar que Aluizio Coimbra, pela sua cultura e pelo cumprimento rigoroso de seu dever, honrou a Faculdade de que foi aluno.

Não será possível, na exiguidade desta comemoração — nem estaria em consonância com a sua natureza — proceder a um cuidadoso exame da atividade científica de Aluizio Coimbra. Acresce, ainda, que me faleceria para tanto a necessária autoridade, visto que os seus trabalhos debatem pontos especializados, para cujo julgamento se exige uma preparação segura. Limitar-me-ei, por isso, a dar dos problemas tratados e das soluções propostas um apanhado geral.

Ainda estudante de ginásio, e, em seguida, da Faculdade de Direito do Ceará, o nosso Aluizio frequentou a imprensa com uma colaboração de assuntos clássicos: «*Magnae spes*», sobre a poesia de Vergílio; «*Mouseion*» sobre o decadentismo de Ovídio; «Um atributo da escola clássica», sobre as repetições em Homero e seus imitadores, são artigos publicados em Fortaleza nos anos de 1920 e 1921. Mencionarei, entre os artigos mais recentes sobre temas dos estudos clássicos, «*Das Fabulas Esópicas*», no anuário de 1946 do Centro Acadêmico «*Sedes Sapientiae*», «*Influência de Petrarca na lírica de Camões*», em Assunção, publicação das estudantes do «*Colégio Assunção*», e uma crítica ao *Logos Heraclíticos*, do Prof. Frei Damião Berge, da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Nada direi de ensaios ligeiros de ficção, quase todos eles dos dias da juventude, nem de algumas traduções métricas de Anacreonte e Molière, se bem que êstes sejam dignos de consideração. Limitar-me-ei ao exame dos trabalhos de maior interesse filológico e maior responsabilidade de Aluizio Coimbra, excluindo ainda, com verdadeiro pesar, a tradução métrica de «*Os Elegíacos Gregos de Calino a Crates*», importante obra em que lhe foi dado colaborar, ainda estudante, com o professor Vittorio De Falco.

\*

Se eu tivesse de resumir em uma frase a orientação intelectual e científica de Aluizio de Faria Coimbra, frase que pudesse talvez ser o seu lema e a sua profissão de fé, creio que a encontraria nas palavras com que o grande Antoine Meillet abre o estudo consagrado a «*Renan Linguista*»: «*Une exégèse précise ne va pas sans une philologie exacte, ni la philologie sans l'étude des langues*».

O nosso pranteado colega estava convencido desta verdade: não há exegese precisa sem exatidão filológica; não há filologia sem conhecimento rigoroso da língua.

Queria, por isso, em primeiro lugar, estabelecer o texto autêntico, e, através da letra, atingir o espírito. Não compreendia que se dissociassem um e outro; antes queria conciliá-los sem estreiteza de interpretações, mas também sem nenhuma concessão à facilidade e à aventura. Submetia o texto a uma análise cerrada, esmiuçava-o em todos os seus escaninhos, ainda com o risco de dar aos seus trabalhos uma aparência de excessiva secura e rigidez, e de sentir esvair-se-lhe dos dedos a «mosca azul» que a sua curiosidade aprisionara e buscava decifrar.

Vejamos de mais perto alguns desses problemas em que se concentrou a sua atenção e cujo enigma procurou solver com uma tenacidade própria dos verdadeiros pesquisadores. Observemos antes, porém, que, se algumas vezes os temas tratados podem aparecer de alcance reduzido ou não merecedores do tempo que o autor lhes consagra, é certo que Aluizio alargava o debate, relacionando o ponto estudado com problemas mais gerais, e isso dá interesse ao exame, ainda que não aceitemos as suas conclusões. E' o que se dá, por exemplo, com as considerações expendidas a respeito de «Prebista, Diátribe, Frenésis», pronúncias essas que êle propugna contra o uso comum de *présbita*, *diatriba* e *frenesí*. Aí, ao tratar de *présbita*, estuda o autor a forma  $\pi\rho\varepsilon\sigma$  — de um tema da  $\sqrt{\text{per}}$ , de sentido de anterioridade, precedência; os sufixos latinos — *ittu* —, — *attu* —, — *ottu* —, que julga representarem a latinização do grego —  $\iota\tau\eta\varsigma$ , —  $\alpha\tau\eta\varsigma$ , —  $\eta\tau\eta\varsigma$ . —  $\omega\tau\eta\varsigma$ : os sufixos — *acu* —, — *ecu* —, — *icu* —, — *ocu* —, — *ucu* —.

A propósito de *diátribe*, cuja evolução semântica nos faz acompanhar, examina o valor expressivo das diferenças do vocalismo nas raízes indo-européias que, em época mais antiga, deviam bastar para, independentemente de qualquer outro elemento morfológico, caracterizar importantes categorias como o verbo, o agente da ação, o nome da cousa». E exemplifica essas reminiscências da virtude semântica do Ablaut com as oposições gregas do tipo  $\phi\acute{\epsilon}\rho\epsilon\iota\nu$ , *levar*  $\times$   $\phi\acute{o}\rho\omicron\varsigma$ , *tributo*;  $\delta\acute{\epsilon}\rho\epsilon\iota\nu$ , *esfolar*  $\times$   $\delta\omicron\rho\acute{\alpha}$ , *pele*;  $\phi\acute{\epsilon}\rho\beta\epsilon\iota\nu$ , *apascentar*  $\times$   $\phi\omicron\rho\beta\acute{\eta}$  *pasto*, vbs. em — *e* —, nomes em — *o* —; e em latim, *regere*  $\times$  *rex*, *legere*  $\times$  *lex*, vbs. de vogal breve, nomes de vogal longa.

\*

Em «Cinco Étimos Gregos», estuda-se a origem de *porca*, «peça em que se introduz o parafuso»; *esteira*, «traço do navio na água»; *copo*, «guarda da espada», «parte que protege a mão»; *gruta* e *autômato*. Dos cinco étimos propostos, mencionarei apenas o de *porca*, que Aluizio filia no grego  $\pi\acute{o}\rho\kappa\eta\varsigma$ , *ou* designativo do «anel de metal que fixava a ponta à haste da lança»,

afastando-se da opinião conhecida que tem o vocábulo como um derivado do latim *torquere*, «torcer». Exemplificando com um dístico da *Iliada* na descrição da armadura de Heitor, Aluizio traduz esplêndidamente:

*Em cima rebrilhava a brônzea ponta  
e um aro em volta lhe corria,*

correspondendo êste último verso ao grego.

... περί δὲ χρύσεος θῆε πόρκης.

Dando notícia desse trabalho, a revista portuguesa *Humanitas* do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dirigida pelo Sr. Prof. Rebelo Gonçalves, considerou-o «mais um trabalho do Prof. A. de Faria Coimbra a impô-lo à nossa admiração e aprêço como helenista». Louva no autor «os seus profundos conhecimentos humanísticos» e «o senso crítico que o leva, em busca da verdade, a corrigir sem menosprezo, a discutir com serenidade e reflexão, a analisar com imparcialidade e a afirmar com justeza e rigor científicos».

Em «Eros Ceriolepta», Aluizio, partindo de um texto da edição do Prof. Legrand, baseado, por sua vez em Willamowitz, diverge entretanto em um ponto da sua tradução, quando o poeta grego, depois de dizer que Eros furtava o mel ou os favos de uma colmeia, acrescenta que o resultado desse furto foi sair com os dedos picados. «Ce fripon d'Eros», diz a tradução de Legrand, «volait du miel dans une ruche; une abeille en colère le piqua, et lui blessa le bout de tous les doigts». O texto grego diz μέλισσα, «abelha», sem artigo. Considera Aluizio que aí o singular designa gênero ou espécie, devendo traduzir-se, pois, μέλισσα, não «uma abelha», mas «as abelhas» tanto mais que o poeta se refere à ponta de «todos os dedos». «Uma só abelha não podia picar-lhe a extremidade de todos os dedos». E assim traduz por sua vez:

*Quando um favo à colmeia Eros roubava,  
as abelhas, cruéis, nos dedos todos,  
picaram-no.*

Essa interpretação foi bem acolhida pelos competentes. O professor Pierre Chantraine, da Faculdade de Letras de Paris, declarou-a «bien satisfaisant»; o professor Pierre Amandry, da mesma Faculdade, «très convaincant». Frei Damião Berge manifes-



tou-se no mesmo sentido: «Muito grato pelo exemplar do «Eros Ceriolepta». Li-o imediatamente e concordo. Parabens pela lucidez e penetração.»

De igual feitio é *Sôbre uma ode anacreontéia*, dado à estampa, em sua revista *Humanitas*, pelo Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e proclamado «contribuição muito valiosa» pelo prof. Francisco Rebelo Gonçalves, que o escolheu para abrir com êle o terceiro volume da revista.

Tem por assunto os primeiros versos da ode Eros picado por uma abelha. Examina inicialmente o autor a redação do texto. Evita as formas áticas, «baseado na consideração de que êste odário deriva evidentemente do *Κηριοκλέπτης* do Pseudo Teócrito». Conclui que «sendo êssa, decerto, a origem do Eros picado por uma abelha e se a redação dêle, no único ms. onde subsiste, insere alguns dorismos, é intuitivo que, inicialmente, pelo autor, foi, para tôda ap de empregada a *κοινή* literária de Siracusa e que só por descuido ou ignorância de sucessivos copistas deixou perder, ora numa, ora noutra palavra, a feição dórica». O ponto central do estudo é o significado do participio *πετασθεῖς*, entendido como equivalente a *tendo voado*. «Picado pela abelha, Eros não só correu, mas também voou para junto da mãe, a formosa Afrodite»:

δραμῶν δὲ καὶ πετασθεῖς  
πρὸς τὰν καλὰν Κυθήραν

Depois de empregar a forma participial do aoristo de *τρέχω*, isto é, *δραμῶν tendo corrido*, teria o poeta interposto êsse outro aoristo para aumentar a vivacidade da cena e melhor dizer da precipitação, do susto, da mágoa com que o deus ofendido procura a defesa e o conforto materno.»

Aluizio discorda dessa interpretação. Para êle, *πετασθεῖς* foi aqui usado não como aoristo médio de *πέτομαι*, voar, mas de *πετάγνυμι*, *desdobrar*, *abrir*. Quer, pois, dizer que Eros abriu, estendeu os braços. Falta, é verdade, no texto o complemento direto, mas, pondera Aluizio, «as formas médias e passivas, de valor reflexivo, não reclamam a expressão do complemento direto, visto como o têm implícito».

E assim, em conclusão, propõe para aquêles oito versos, uma interpretação nova, traduzindo-os com argúcia e consumada técnica. Passarei a lê-los, para dar-vos a sentir com que fina sensibilidade o nosso pranteado colega vasava no idioma português as belezas da poesia grega:

Certa vez, num rosal, Eros incauto,  
uma abelha não viu que ali dormia.

Não viu e ei-lo picado.

Num dedinho sentindo-se ferido,  
plangentes brados solta

E para a formosíssima Citera  
corre, estende-lhe os braços.

«Ai de mim», diz-lhe, «ó mãe, que estou perdido»...

Mas como já tive ocasião de assinalar, exemplificando com o caso de «Presbita, Diátribe, Frenésis», Aluizio ao tratar de um ponto particular e às vezes minúsculo, ampliava-o consideravelmente, enquadrando-o em um plano de interêsse muito mais geral. Via sempre na hipótese a lei, e no caso individual as suas múltiplas correlações, que êle acompanhava pacientemente até reduzi-las à unidade final. Foi o que fez ainda aqui, a propósito de *πετασθείς* e da raiz *pet*. Terá sido esta raiz uma só nos primórdios do indo-europeu, mas se diferenciou depois em variadas significações. Estas, por sua vez, se agruparam em torno de quatro accepções principais, a saber: a de *procurar* (lat. *petere*, gr. *ποταμός*, scr. *pátati*); a de *voar* (lat. *propitius*, gr. *πέτομαι* scr. *pátram*); a de *cair* (lat. *pessum*, gr. *πίπτω*, scr. *pádyate*); e a de *abrir, desdobrar* (lat. *pateo*, gr. *πετάννυμι*, scr. *pavana*). Analisa o autor essas diferentes idéias, mostrando como de uma se passa a outra por uma série de gradações, e, exemplificando com o grego, faz-nos ver como a diversidade dêsses significados se traduz pelas alternâncias de tipo apofônico. «Assim, enquanto *πέτομαι* e *ποταμός* exprimem uma opposição assaz frequente de *e* × *o* aquêle para as formas verbais, êste para as formas nominais, *πέτομαι* e *πέταμαι*, presentes de grau pleno, se opõem a aoristos de grau zero, *ἐπτόμην*, *ἐπτάμην*, *ἔπτην*; a idéia de *cair* se exprime, inversamente, com presentes de grau zero ou de vogal reduzida, *πέπτω*, *πέτνω*, *πιτνέω*, e aoristos de grau pleno, *ἔπεσον*, dor. *ἔπετον*.”

Trabalho de índole diversa é o que publicou sôbre Luciano, «o aticista de Samôsata». Procede nela a uma apuração dos dados biográficos e ao levantamento do estado atual do problema da autenticidade das obras que lhe são atribuídas.

Cético e «pessimista irredutível», levado a essa doutrina pelo «vazio das glórias humanas», o grego tratou «com mordacidade igual» todos os sistemas». «Não é, pois, à luz da filosofia que deve ser apreciado.» Nem como moralista. Mas como um «anfletário de gênio, o maior de todos os tempos, mercê do brilho e elegância da sua prosa, agilidade do espírito, penetrante observação e variada cultura.» E, passando mais uma vez do particular

para o geral, observa Aluizio: «Possui da classe todos os defeitos e tôdas as virtudes, desde o julgamento sem profundidade até o conceito oportuno e agudo.» Seria difícil, creio eu, caracterizar melhor essa espécie de gente letrada e essa literatura de combate, em que a parcialidade dos juizes e a agilidade dos golpes e espertezas são os ingredientes comuns.

O estudo «Sobre a Cronologia da Anábase de Ciro e a idade de Xenofonte», publicado na magnífica *Revista de História*, proficentemente dirigida pelo professor Simões de Paula, teve entre os especialistas uma repercussão de todo favorável. Sobre êle se manifestaram, em termos altamente elogiosos, o professor Francisco Isoldi, insigne sabedor das letras clássicas e históricas, e os professores de Literatura Grega da Faculdade de Letras de Paris, R. Flacelière, A. Bataille e Pierre Chantraine.

Estudando, no folheto que intitulou *Três Estudos, o grupo GN na fonética clássica e românica*, a natureza e a evolução desse grupo no som com palatal ou molhado, escrito *gn* em francês e italiano, *ñ* em espanhol e *nh*, em português, e firmando-se nas lições anteriores de Niedermann, Millardet e Grammont, insiste Aluizio Coimbra nas conclusões que daí decorrem e se acham mais ou menos obscurecidas em outros autores de maior autoridade. Já se sabia, e o expõe Grammont com toda a clareza, que no latim *dignus, lignum*, a letra «g» representava um som palatal. Millardet chamara a atenção para a circunstância de que «em latim as oclusivas se tornaram, em princípio, nasais, quando em contacto com um *n* subsequente, desde a época pré-histórica». Pronunciava-se *dinnum, linnum*, ainda que escrevendo *dignum, lignum*. Não se deverá, pois, fazer «remontar o *n* molhado, proveniente desse grupo, a uma evolução direta de *g* para *y*: *gn, yn.*» São palavras de Millardet, que mostra a seguir o mecanismo assimilatório pelo qual do grupo *nn* resultou o fonema *nh*.

«Quanto à passagem da geminada ao românico *nh* (cf. ptg. *lenha*, it. *degno*, esp. *seña*)», conclui Aluizio, «a falta de firmeza da articulação prepalatal gerava, no esforço de pronúncia do duplo *n* um *ɣod*, ao qual se deve, concomitantemente, a simplificação e o molhamento.»

Mas chegando a essa conclusão, não se dá êle por satisfeito, e entra a examinar, em seguida dois outros problemas relacionados com o grupo *gn* e de que apenas farei menção: a época de entrada da articulação *g + n* na pronúncia latina post-romana; a diferença fonética existente entre o *n* natural de *ἀγγελος*, *ἄγκυρα* e o *n* alveolar de *ἀνδρεία* e *ἔνδηλος*.

\*

Dos seus diversos trabalhos, reveladores sempre de uma preparação séria, de um conhecimento real dos problemas tratados,

de uma rara capacidade de investigação e de um propósito firme de contribuir para o progresso científico, aquêla a que deu maior extensão e a que se consagrou, talvez, com maior entusiasmo, foi o estudo que intitulou «Formas consonânticas da vogal reduzida.»

Tratava-se de investigar o «fenômeno que consiste em latim e em grego o surgimento de oclusivas labiais e línguo-dentais (-p-, -b-, -t-, -d-), depois de -m-, -n-, ou -s- e antes de -r- ou -l-, em casos como *templum*, μεσημβρία, ἀνδρός, *claustrum*.» Aluizio se opõe à explicação até agora aceita que vê em tais casos a epêntese de uma labial ou a formação de uma explosiva, em virtude da desnasalização do -m-, precedente. Lança a hipótese de que, antes do -r-é do -l-, deve ter existido um resíduo vocálico de grau fle-tido ou grau -o-, que constitui a forma reduzida da vogal do mor-fema seguinte (er-. el-). Pretende que êsse resíduo vocálico re-presentado por -o- «não podendo definir-se como vogal plena, teve de apoiar-se na catástase do -m- implosivo, adotou a sua articu-lação e formou com êle um grupo -mm-. Colocado antes de -r- ou de -l- o segundo -m- se desnalizou para formar o grupo -br- ou -pl-, de oclusiva mais líquida, grupo êsse normal como asso-ciação de consoantes na fonologia indo-européia.

A hipótese é aventureosa e arrojada e oferece o flanco a gra-ves objeções. Não é, porém, irrefletida ou superficial, e só pode-ria formulá-la quem tivesse do assunto uma visão ampla e segura. Na revista portuguesa *Brotéria*, A. de Ribamar aplaudiu-a como explicação «muito mais fundamentada» que a anterior. Para o professor Pierre Chantraine a interpretação é «vraisemblable»; para o Prof. Jean Defradas, «ce travail de phonétique, avec l'ample mise em oeuvre», afigurou-se-lhe «d'une grande richesse et d'une grande précision». O eminente foneticista e etimologista A. Juret discutiu-a em duas longas cartas, da última das quais, repleta de preciosos esclarecimentos e observações, não chegou a ter co-nhecimento o nosso prezado Aluizio. O sábio Max Niedermann manteve a sua posição anterior, fundamentando-a com serenida-de e precisão.

Na primeira de suas cartas, datada de 14 de abril dêste ano, Juret dá logo de início a sua impressão: J'ai lu tout de suite l'article *Formas consonânticas*, qui rentre dans le cadre de mes études. Il m'a extrêmement intéressé. Vous avez pris le sujet comme il convient, dans sa généralité, tel qu'il se présent dans un grand nombre de langues. Cela est d'excelente méthode. En comparant aux faits les explications fournies par divers auteurs et en particulier par moi même, vous avez eu le sentiment d'une lacune dans l'explication donnée; celle-ci ne dit pas pourquoi, p. ex., -m- de ἡμέρα se dedouble en μβ dans μεσημβρία. Vous avez eu raison de chercher une explication de ce dédoublement.»

E essa expressão «vous avez raison» se repete ainda por três vêzes. A segunda carta, datada de 2 de julho, em 8 páginas compactas, se estende na discussão de vários pontos de fonética fisiológica e histórica, principalmente do caso da consoante única intervocálica, exemplificado em *enim*, *pater*, *lacus*, e do caso da quantidade de -o-, de *sobrinus*.

\*

Vemos, pois, que a atividade científica de Aluizio Coimbra ia repercutindo nos meios universitários de maior reputação, e, sem alarde e propaganda, o prestígio do seu nome crescia e se firmava. Certamente cairia em erros; mas tenho por seguro que as deficiências e inexatidões dos seus trabalhos, ericados de dificuldades pela própria natureza deles, seriam amplamente compensadas pelo saber cada vez' mais vasto e profundo das disciplinas de sua especialidade.

A sua aplicação ao estudo era incansável. Tenho em mãos um trabalho seu ainda inédito. «*O numeral uma e o sufixo inho,*» (1) no qual se confirmam, como não podia deixar de ser, os seus preciosos dotes de investigador.

Professor exímio e rigoroso no cumprimento do seu dever, os seus colegas e os seus alunos o respeitaram com admiração e afeto de amigos. Chefe de família exemplar, esposo e pai amantíssimo, deu à companheira de suas horas boas e más e aos filhos estremecidos todos os tesouros do seu amor. Homem de bem e de fé, seguiu os caminhos de Deus, cuja Face contemplará por tôda a eternidade.

MÁRIO PEREIRA DE SOUSA LIMA

Prof. Catedrático de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade.

---

(1) Motivos de delicadíssima sensibilidade levaram, posteriormente, o prof. Aluizio a modificar o título desse trabalho. Acha-se publicado, em forma de BOLETIM da Faculdade, com o título de ALGUMAS FORMAS DE DIFERENCIAÇÃO. Nota de J. L. Jr.



*“To think clearly, to arrange your matters under formal heads, to have each paragraph definitely articulated and each sentence simply and exactly expressed: that was the main lesson of the greek rhetor. The tendency was already beginning in classical times and no classical writer carried it further than Euripides... At any rate we are sharply offended by “firstlys, secondlys and thirdlys”, by divisions on the one hand and on the other hand. And all this and more Euripides insists on giving us.”*

G. MURRAY. “Euripides and his age”.  
Pg. 13.





*“Nous sommes de ceux qui croient que la poésie des anciens Hellènes est une de ces sources vives où les hommes doivent se retremper continuellement et que ce serait un malheur pour la civilisation si les études grecques venaient à s'affaiblir.”*

**HENRI WEIL. “Sept tragédies d’Euripide”  
Intr. XLVIII.**



Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

(\*) Submisso ao mando de Leóxias, que lhe prescrevera subtrair do santuário dos Tauros a imagem de Ártemis ali venerada, chegara Orestes, em companhia do primo fiel (1), à Quersoneso do Ponto, para dar cumprimento ao encargo temível. Haviam subido, ao favor da noite, as abruptas escarpas que trazem do mar ao planalto e agora, cautelosos, sob a preocupação de não serem vistos, examinam, ao amanhecer, o exterior do templo onde devem penetrar. Restos inequívocos de sacrifícios antropóctonos dizem claro da ferocidade dos nativos e do destino dos Gregos que lhes veem às mãos. O Agamemnônida apreende de pronto as dificuldades quase invencíveis da empresa e o risco a que se expõem em tentá-la. Lembrado de quanto sofrera, como fruto do matricídio a que o deus o tinha impellido, sente que o estímulo desaparece no seu coração. E a Píladés representa que melhor do que morrerem será reembarcarem-se para o regresso, no barco que os trouxera da Grécia natal.

Mas o filho de Estrófió não é do mesmo pensar. A idéia de fugir parece-lhe insuportável. Nem é para detrair-se a nova prescrição de Febo. Será preciso que se ocultem até quando vier de novo a noite, para então empregarem tôdas as audácias, no sentido de se insinuarem dentro do recinto sagrado e de se apoderarem da efígie de Dictina.

Reergue-se a essas palavras o ânimo de Orestes. De novo resolvido à obediência do divino, anue ao alvitre o matador de Clitemestra e declara que fadigas e perigos não podem realmente servir de escusas a homens como são êles, corajosos e moços.

Tal é, em substância, o diálogo que se desenvolve no prólogo da *"Ifigenia entre os Tauros"*, de Eurípides, entre os vs. 67 e 121. Dêstes, serão objeto do presente estudo, como contexto, os vs. 94-115; e entre êstes últimos, como texto interpre-

---

(\*) A presente obra — definitivamente elaborada desde 1947 — deveria constituir, no decorrer de 1952, o objeto da tese de concurso com que o Prof. Dr. Aluizio de Faria Coimbra concorreria à Cátedra. Faltava-lhe acrescentar somente a bibliografia.

A revisão tipográfica foi feita por J. Lazzarini Jr.

tando, o período que se enquadra nos vs. 113-4, indicador da via que Pilades sugere ao amigo para penetrar no templo.

Vejamos, em primeiro lugar, a leitura grega dos apontados contexto e texto. Na edição da sociedade “Les Belles Lettres”, *Euripide*, vl. IV, pgs. 117-8, e no *Euripides*, vl. II, pgs. 290-2, da “Loeb Classical Library” apresentam-se assim, numa e noutra:

#### ΟΡΕΣΤΗΣ:

Σὲ δ'ἴστορῶ,

Πυλάδῃ, σὺ γάρ μοι τοῦδε συλλήπτωρ πόνου, 95  
 τί δρῶμεν; ἀμφίβληπτρα γάρ τοίχων ὄραξ  
 ὑψηλά· πότερα δωμάτων προσαμβάσεις  
 ἐκβησόμεθα; πῶς ἂν οὖν μάθοιμεν ἂν  
 μὴ χαλκότευκτα κληῖθρα λύσαντες μοχλοῖς,  
 ὧν οὐδὲν ἴσμεν; ἦν δ'ἀνοίγοντες πύλας 100  
 ληφθῶμεν ἐσβάσεις τε μηχανώμενοι,  
 θανούμεθ'. ἀλλὰ πρὶν θανεῖν, νεὼς ἔπι  
 φεύγωμεν, ἤπερ δεῦρ' ἐναυστολήσαμεν.

#### ΠΥΛΑΔΗΣ

φεύγειν μὲν οὐκ ἀνεκτὸν οὐδ' εἰώθαμεν·  
 τὸν τοῦ θεοῦ δὲ χρησμὸν οὐ κακιστέον. 105  
 ναοῦ δ' ἀπαλλαχθέντε κρύψωμεν δέμας  
 κατ' ἄντρ' ἃ πόντος νοτίδι διακλύζει μέλας,  
 νεὼς ἄπωθεν, μή τις εἰσιδὼν σκάφος  
 βασιλεῦσιν εἶπη κατὰ ληφθῶμεν βίᾳ.  
 ὅταν δὲ νυκτὸς ἕμμα λυγαίας μόλη, 110  
 τολμητέον τοι ξεστὸν ἐκ ναοῦ λαβεῖν  
 ἄγαλμα πάσας προσφέροντε μηχανάς.  
 ὄρα δὲ γ' εἴσω τριγλύφων ὄποι κενὸν  
 δέμας καθεῖναι· τοὺς πόνους γὰρ ἀγαθοί  
 τολμῶσι, δειλοὶ δ'εἰσὶν οὐδὲν οὐδαμοῦ. 115

Esse trecho não é, infelizmente, pacífico. Muitas são as divergências que se assinalam entre outros editores do drama. Passemos em revista as mais importantes.

v. 97: a ed. genavense e Musgrave redigiram πρὸς ἀμβάσεις. Kirchhoff, Weil, London escrevem κλιμάκων προσαμβάσεις.

v. 98: a ed. gen. e Barnes tinham πῶς ἄρ' οὖν μάθοιμεν ἄν; Musgrave, Duncan, Fix, Weil adotaram πῶς ἄν οὖν λάθοιμεν ἄν; London propõe πῶς ἄρ' ἐγκαθεύμεθ' ἄν;

v. 98: a ed. gen., Barnes, Musgrave, Duncan, Fix, Weil, London começam o verso por ἦ χαλκότευκτα...

v. 100: Badham, Weil preferem, no comêço do verso, ὦδ' οὐδὸν ἔσιμεν; Wecklein, London ὦδ' ἄδυτον ἔσιμεν; Kœckly ὦδ' ἕτερον ἔσιμεν; Duncan, Fix ἔν' οὐδὲν ἴσιμεν.

v. 113: Blomfield, Elmsley, London compõem o verso com ὄρα δὲ γεῖσα τριγλύφων ὅπου κενόν. Weil com ὄρα δ' ἔνεστι τριγλύφου ὅπου κενόν. Kœckly com ῥᾶστον δὲ γ' εἴτω τριγλύφων ὅπου κενόν. Wecklein com δωρικὰ δὲ γεῖσα τριγλύφων ὅπας κενοῖ. Madvig com πείρα δὲ γεῖσω τριγλύφων ὅπου κενόν. Kirchhoff acompanhá a os três primeiros, substituindo, porém, ὅπου por ἔπη.

Entre os vs. 105 e 106 Wecklein, Camper e London intercalam os vs.

οὐ τοι μακρὸν μὲν ἦλθομεν κώπη πάρον,  
ἐκ τερμάτων δὲ νόστον ἀροῦμεν πάλιν.

os quais correspondem nos mss. aos vs. 116-7. Hardion, Markland, a ed. Loeb, Weil, Fick dando-lhes esta numeração, atribuem-nos, não a Orestes, mas ainda a Pílades, cujas palavras se encerrariam com êles.

São de menor monta estas outras diferenças:

No v. 95 a ed. gen., Barnes e Musgrave teem um ponto no alto depois de Πυλάδη, onde a vírg. é incontestavelmente melhor; no v. 101 Barnes escrevia εἰς βάσεις; no v. 102 preferiu Hartung ἀλλ' ἦ a ἀλλά; no v. 105 Kirchhoff escreveu θεοῦ τε por θεοῦ δέ; no v. 111 Hermann adotou σοι em lugar de τοι; no v. 114 Musgrave redigiu οἱ ἄγαθοι ao invés de ἀγαθοί; etc.

Houve-se Grégoire com notável discricção no estabelecimento do texto acima transcrito, cingindo-se à lição dos mss. em todos os pontos controversos, com exceção apenas da leitura πρὸς ἀμβάσεις, que desde Barnes se acha corrigida para προσαμβάσεις, e do ἦ do v. 99, em lugar do qual aceitou a sugestão

μή de Hermann. Acompanhou-o *ad litteram* a ed. Loeb, não se apartando dele senão para grafar εἰσβάσεις no v. 101.

\*  
\*      \*

Pois que toda a ação do drama se desenrola em frente do santuário e as dúvidas que êste trabalho procura aclarar residem principalmente no caminho pelo qual Orestes chegaria à imagem de Ártemis, será de evidente utilidade o conhecimento, embora sucinto, da estrutura dos antigos templos gregos.

A menção feita a “tríglicos” no v. 113 faz ver que Eurípides atribuía ao Artemísio dos Tauros o gênero dórico, porquanto são aqueles um elemento característico desta ordem. Mostra-o bem expressivamente o v. 1373 do *Orestes*, onde o poeta alude a ζωρικᾶς τε τριγλύφους e explica-o de modo a não deixar nenhuma dúvida todo o cap. II do Lv. IV de Vitruvius. Cf., p. ex., in 2: “ita divisiones tignorum tectae triglyphorum dispositionem et inter tignae metoparum in doricis operibus coeperunt”; in 4: “Etiamque ubi nunc triglyphi constituuntur, si ibi luminum spatia fuisse judicabuntur, isdem rationibus denticuli in jonicis fenestrarum occupavisse loca videbuntur”; in 5: “Ita uti autem in doricis triglyphorum et multulorum est inventa ratio, item in jonicis denticulorum constitutio propriam in operibus habet rationem. . .”; etc.

Na ausência de outros dados que melhor digam sôbre a forma acaso particularmente apresentada pelo templo onde oficiava Ifigenia, cumpre-nos tomar por base as linhas gerais de dois edifícios dóricos existentes em Atenas ao tempo da representação do drama táurico e, portanto, bem conhecidos de Eurípides e do público que o ouvia, a saber, o *Partenão*, construído entre 447 e 432, e o *Teseu*, levantado por volta de 428.

Levantava-se o templo sôbre uma plataforma, a que davam acesso alguns degraus, quase sempre três, dos quais o mais alto era dito στυλοβάτης. Compunha-se de uma construção fechada, o ναός, ou *cella*, como a chamavam os Romanos, junto à qual outra câmara, o ὀπισθόδομος (*porticum*), guardava o tesouro e as alfaias do deus. O espaço situado em frente daquela

constituía o *πρόναος*. Tinha o conjunto forma retangular e retangular era a coluna singela ou dupla que o cercava, deixando de permeio um pórtico naturalmente coberto.

As colunas (*κίονες*, *στῦλοι*) tinham, na altura, entre quatro e seis e meia vezes o diâmetro da base. Reduzia-se essa medida, no alto, até um terço. Sulcavam-lhes o fuste (*σκάπρος*) vinte estrias (*ῥάβδοι*!) longitudinais, com arestas agudas. O *ὑποτραχήλιον*, o *ἔχινος* e o *πλίνθος* formavam o capitel (*κίονκρανον*).

Sôbre êste assentava o *entablamento* (*ἔμβολον*, *ἐπιβολή*), composto pela arquitrave (*ἐπιστύλιον*), pelo *friso*, zona onde alternavam *tríglicos* (*τρίγλοφοι*) e *métopas* (*μέτοπαι*), e pela *cornija* (*γείσον*), à qual coroava a cimalha (*κῦμα*, *κυμάτιον*) e em cuja face inferior se viam os modilhões ou mútulos (*ἐκφοραίαι* com *guttae* (*σταλάγματα*)). Estas são, em regra, dezoito, dispostas, em três filas de seis, sôbre cada tríglifo e cada métopa. *Guttae* também apareciam, em número de seis, abaixo dos tríglifos.

Telhas de cerâmica (*κέραμοι*) ou de mármore formavam a cobertura, colocadas em filas alternantes, uma de unidades lisas com bordos levantados (*σωλήνες*), outra de telhas côncavas (*καλυπτῆρες*). As da cumieira tinham o nome de *ἡγεμόνες*. (2)

\*

\* \* \*

Examinemos agora criticamente, na parte apontada como contexto, a redação estabelecida por Grégoire, as diversas leituras divergentes e as interpretações dadas por muitos a alguns dêsses versos.

vs. 97-98: *πότερα δωμάτων προσαμβάσεις ἐκβησόμεσθα*; a substituição de *δωμάτων* por *κλιμάκων*, proposta por Kirchhoff, Weil e London, parece-me de todo arbitrária. Mostra-se a frase perfeitamente inteligível com aquela palavra e está construída à maneira de *Fen. 744*: *ξυνῆκ' ἀμύνειν τειχέων προσαμβάσεις*. Não há nenhum motivo que nos leve a repelir neste ponto a lição dos mss.. *προσαμβάσεις* é emenda que se acha a crédito de Barnes (3) e de acêrto indiscutível. Quanto ao valor da sentença, concor-

dam quantos teem δωμάτων πρ. em tomar esta expressão como equivalente a *escadas do templo*. Assim Barnes e a ed. genavense: “Utrum domus scalas hinc egressi scandemus?”; Musgrave: “Utrum domus scalas exscandemus?”; Fix: “Utrum aedis per gradus escendamus?”; Grégoire: “Devons-nous monter jusqu’à ce temple?”; Way: “Up yonder temple-steps shall we ascend?” Do outro lado, Weil, adotando κλιμάκων πρ., considera, sem dúvida, o emprego de *escadas portáteis*: “Monte-rons-nous par les échelles sur le haut mur?” (4).

Mas, evitada, como cumpre, essa substituição, percebe-se, no conjunto dos versos em exame, que *προσαμβάσεις* está aqui aproveitado no seu sentido natural de *nomen actionis*, isto é, no valor abstrato que indica a própria formação *πρόσ-ἀνά-βάσις*, *ascensão com rumo a certo ponto*. cf. *προσαναβαίνω*, *προσάνειμι*, *προσανέρπω*, *προσαντέλλω*. O modo como se iria fazer essa subida, com ou sem o emprêgo de escadas, não se debate nem resolve em cena. Simples pormenor material, não interessava à urdidura do drama, nem constituía matéria trágica. O que Orestes indaga de Pílates é se deverão transpor o entablamento do edifício ou se outra será a via a adotar.

Não contesto que noutros exemplos *προσαμβάσεις* possa, sem violência, ser entendido como *degraus*. Tal ocorre, p. ex., em

*Fen.* 488-9:

καὶ μήτε πορθεῖν πατρίδα μήτε προσφέρειν  
πύργους πηκτῶν κλιμάκων προσαμβάσεις.

ib. 1173-4:

μακραύχενος γὰρ κλιμάκων προσαμβάσεις  
ἔχων ἔχῳρει,

em *Sete* 466-7:

ἀνήρ δ’ ὀπλίτης κλίμακος προσαμβάσεις  
στείχει πρὸς ἔχθρῶν πύργον, ἐκπέρσαι θέλων.

e em *Bac.* 1212-3

Πενθεύς τ’ ἐμὸς παῖς τοῦ ὅστιν; αἰρέσθω λαβῶν  
πηκτῶν πρὸς οἶκους κλιμάκων προσαμβάσεις.

É de ver-se, porém, que, ligado, como está, em todos êsses empregos, ao *nomen rei* κλίμαξ, o abstrato *προσαμβάσεις* se achava naturalmente sujeito a passar ao valor concreto de *degraus*,



por força da inevitável associação entre a idéia da cousa e a das suas partes integrantes.

vs. 98-100: adotada a redação de Grégoire,

πῶς ἂν οὖν μάθοιμεν ἂν  
μὴ χαλκότευκτα κληῖθρα λύσαντες μοχλοῖς,  
ᾧν οὐδὲν ἴσμεν;

cujos sentido é, na própria tradução do ínclito mestre belga, “oui (isto é, *devemos aproximar-nos do templo*), mais, si nous voulons reconnaître des lieux qui nous sont étrangers, il nous faudra sans doute rompre avec un levier les serrures d’airain”, temos que Orestes considera necessário entrar pela porta, pois só assim seria possível orientarem-se dentro do santuário para o fim que traziam. Para chegar a essa interpretação, conservou-se o mestre belga fiel à letra dos mss. no v. 98 e no v. 100, mas afastou-se deles alterando ἤ para μή no v. 99.

Ora, πότερα ou πότερον a que corresponde o lat. *utrum...an*, introduz a dupla interrogação, com ἤ junto a segunda alternativa. Assim, Xen. *Cir.* I 3, 13: ἡ μήτηρ διηρώτα τὸν Κῦρον πότερον βούλοιο μένειν ἢ ἀπιέναι; *id. ib.* III 1, 2: πότερον ἔἰς ἄρχειν ἢ ἄλλον καθίστης; *id. Mem.* II 3: πότερα οὐδενὶ ἀρέσαι δύνανται ἢ ἔστιν οἷς καὶ πάνυ ἀρέσκει; *Ésq. Per.* 351-2: τίνες κατήρξαν, πότερον Ἐλληγες μάχης, ἢ παῖς ἐμός, πλήθει καταυχήσας νεῶν; etc. É certo que os textos também nos deparam πότερον ou πότερα em função idêntica à de ἄρα ou ἤ, ou seja, como cabeça de uma interrogativa simples, a exemplo de *Ésq. Per.* 239: πότερα γὰρ τοξουλκὸς αἰχμὴ διὰ χερσῶν αὐτοῖς πρέπει; e de *Sóf. Fil.* 1235: πρὸς θεῶν, πότερα δὴ κερτομῶν λέγεις τάδε; que nada impede por conseguinte, que se tenha o πότερα do v. 97 como empregado em condições iguais, sem nenhum nexos com o outro termo de uma oração disjuntiva; e que, destarte, desaparece a objeção gramatical que poderia opor e que London, de fato, opõe ao μίγ de Hermann. Mas será realmente estranho que, depois de ter chamado a atenção do companheiro para a altura das paredes externas do edifício (ἀμφίβληστρα γὰρ τοίχων ἑρᾶς ἢ ὑψηλά), deixe Orestes sem consequência essa observação e prefira perguntar se deviam aproximar-se do templo. Como se para êles, a quem não as-

sistia outro recurso que não a própria iniciativa, fôsse concebível alcançarem a imagem da deusa sem penetrarem no seu santuário.

Noutra hipótese, aceitando-se, para o verso 97, a lição κλιμάκων προσαμβάσεις e a interpretação de *escadas portáteis* adotada por Weil, será sempre incompreensível por que, feita a penetração pelo alto do edifício e não pela porta, se lhes tornaria impossível o reconhecimento do que Orestes acha necessário reconhecer. Assim, com Grégoire e a ed. Loeb, desacer-tam todos quantos, precisando alterar a redação dos mss., preferem fazê-lo no do verso 99, em vez de aceitarem λάθουμεν ἄν para o verso 98 e ὡδ' ἄδυτον (ou ἱερόν) ἔσιμεν para o v. 100.

Não são sòmente as dificuldades apontadas o que combate a lição dos códs. nestes dois últimos versos. É de mister também considerar o caráter sistemático da exposição euripidéia, a ordem dialética com que o grande salamínio trazia aos seus ouvintes questões tais, a clareza lógica que conferia às conclusões dos seus personagens, em suma tudo quanto Murray pôs em relêvo à pg. 13 do seu *Euripides and his age*: “To think clearly, to arrange your matters under formal heads, to have each paragraph definitely articulated and each sentence simply and exactly expressed. . . no classical writer carried it further than Euripides”. Pois, isso é que em vão se procuraria nas desarticuladas e obscuras sentenças que entretecem os versos 98-100 da leitura gregoriana.

Ao contrário, tudo se esclarece e rigorosamente concatena, se adotarmos para o v. 98, com Reiske, Heath, Markland, Musgrave, Duncan, Fix e Weil a redação πῶς ἄν οὖν λάθουμεν ἄν, (5) relacionando esta pergunta com a pergunta precedente, πότερα δωμαίων προσαμβάσεις ἐκβησόμεσθα; e, para o v. 100, com Wecklein e London, a forma ὡδ' ἄδυτον ἔσιμεν, com Köchly, ὡδ' ἱερὸν ἔσιμεν, ou com Weil, ὡδ' οὐδὸν ἔσιμεν.

Aqueles que julgarem grande a mudança que à lição dos cods. trazem essas emendas, convém lembrar a advertência de Weil (*Introd.* XXXIV), de que os mss. de Eurípides oferecem amiude redações ininteligíveis. É uma vez que não é aqui possível evitar-se alguma substituição, que se adote ao menos a mais aceitável.

Com efeito, consideradas as circunstâncias que Eurípides coloca os dois Atridas, é de ver-se que não havia senão dois caminhos para chegarem ao seu objetivo: ou escalariam o entablamento, para buscarem nas obras altas do edifício, o lugar por onde descer até o ícone, ou usariam a porta ou uma das portas de entrada, forçando os respectivos ferrolhos. A posição deles não era, pois, diferente da de qualquer um que pretendia entrar *invito domino*, em casa alheia fechada. Daí a pergunta alternativa que a Pílades formula Orestes: “Tentaremos a escalada do prédio ou, quebrando os fechos da porta de entrada, penetraremos por essa via no interior?” Mas, porque, sob a lembrança dos passados sofrimentos e no temor de penas ainda maiores, fraquejava, naquele momento, a sua coragem, observa, ao mesmo tempo que indica um e outro caminho: “Se subirmos ao longo das paredes externas, dificilmente deixaremos de ser vistos; e se, como é provável, formos surpreendidos ao tentar a entrada pela porta, denunciados pelo ruído do arrombamento, não escaparemos à morte”.

O receio de serem descobertos, quando realizassem a ascensão pelo lado externo do templo, com muita facilidade se compreende. Elevado era o edifício, conforme mostram os vs. 96-7, e, portanto, visíveis, por sôbre o arvoredo e a casaria, as suas partes superiores. De mais, cercado como estava o *témenos* por um muro, segundo assinalei à pg. 9 dos meus “Três tópicos da Ifigenia entre os Tauros”, seria o invasor percebido por cima dessa vedação, desde que subisse além da altura dela.

Fix redigiu: πῶς ἂν οὖν λάθοιμεν ἄν; || ἢ χαλκότευκτα κλιθήρα λύσαντες μοχλοῖς || ἔν' οὐδὲν ἴσμεν; o que verteu por: “quomodo latebimus ascendentes, || aut aenea claustra solventes repagulis, || ubi loci nihil scimus (pg. 306). E em comentário acrescentou: “De una itaque eadem via per templi gradus ascendenti deliberat Orestes, quum spem alterius omnem praecludat altitudo parietum; sed etiam illi periculum duplex inesse videt, ut conspecti vel dum ascendant vel dum claustra solvant deprehendantur, idque tanto magis quo diutius, locorum et consuetudinis apud gentem istam claustra obfirmandi ignari cogentur immorari negotio suo. Quamquam verba ἔν' οὐδὲν ἴσμεν etiam sic possunt occipi, ut se nescire significet Orestes,

utrum intra portas vigiliae lateant.” Aqui está muito claro o pensamento do ilustre exegeta a quem Didot cometeu a sua ed. da *I. T.*: uma vez que a altura das paredes aconselhava que se abandonasse a idéia de subir por elas, iria Orestes pelas escadas do templo e procuraria romper os fechos da porta. Como evitaria, porém, ser visto quando galgasse êsses degraus ou enquanto estivesse forcejando contra a mesma porta, cujas defesas desconhecia?

Parte êle, portanto, da idéia inexata e cuja crítica deixei acima feita, de que δωμάτων προσαιβάσεις signifique *degraus do templo*. O que, porém, mais severamente condena a sua análise é que, enquanto confere a πρότερα o valor de um simples ἄρα ou ἦ, se vê obrigado, para justificar o ἦ do v. 99, a subentender antes dele toda a frase “quando galgar os degraus”. Elipse violenta que só se aceitaria em condições desesperadoras e que não se harmoniza, de nenhum modo, com o caráter da límpida expressão euripidéia.

\*            \*

O período que constitue o texto interpretando (vs. 113-4),

‘Ορα δέ γ’ εἶσω τριγλύφων ἔποι κενόν  
δέμας καθεῖναι.

reduzido na ed. Budé e na ed. Loeb, segundo a lição dos códs. e de significado perfeitamente atingível, não oferece motivo razoável às múltiplas sugestões com que o quiseram alterar.

A substituição de γ’ εἶσω τριγλύφων por γεῖσα τριγλύφων, alvitrada por Blomfield, Elmsley, London deve ser repelida *primo de limine*: γεῖσον e τρίγλυφος designam cousas diversas em arquitetura; e ainda que se tome o segundo no amplo sentido de que me ocupo abaixo, não vejo como pô-lo em função de adjunto restritivo do primeiro e manter ao mesmo tempo inteligibilidade do texto. ἔπου e ἔπη teem contra si o fato evidente de precisar καθεῖναι de um complemento adv. de *lugar para onde*, cuja forma adequada é exatamente ἔποι. Nem aqueles, nem Weil, nem Köchly, nem Madvig, nem Kirchhoff teem, pois,

razão em relacionarem êsse relativo a *τριγλύφων*. Do ἄρα inicial, que Köchly quer emendar para *ῥᾶστον*, Wecklein para *δωρικᾶ* e Madvig para *πεῖρα*, tratarei adiante.

Ora, na história da interpretação dêsses versos são discerníveis duas fases, uma anterior, outra posterior ao ano de 1760.

Situa-se, p. ex., na primeira a exegese da ed. gen. (1614): *specta vero intra columnarum caelaturas, quo inane ac expeditum, || corpus oportet demittere*; assim como a de Barnes (1694): *considera autem quomodo in intercolumnia, ubi vacuitas est, || corpus demittas*.

Pertencem à segunda fase outras como a de Musgrave (1778): *considera autem inter triglyphas, an alicubi sit vacuitas, || corpori dimittendo*; a de Woodhull (1782): *observe those triglyphs, if a chasm appear sufficient to admit us*; a de Fix (1844): *At vero vide ubi vacuum spatium sit intro ex triglyphis || corpori dimittendo*; a de Bellotti (1844): “Osserva intanto || ovi a’ triglifi in mezzo un vuoto sia || ad entrar la persona, e scender dentro”. Artaud (1850): “Vois si dans l’espace de ces triglyphes il y a quelque vide pour y glisser ton corps”. etc.

Como se vê, reside a diferença entre os dois grupos de tradutores neste pormenor: depois de terem aqueles entendido que para atingir o interior concluso do templo, bastaria a Orestes transpor a colunata, entraram êstes a entender que era entre os *triglifos* que Pílades lhe dissera que passassem.

O caso fôra que, naquele ano, Winckelmann, (6) já conhecido pela publicação dos *Gedanken uber die Nachahnung der griechischen Werke in Malerei und Bildhauerkunst* (1755) e da *Description des pierres du feu Baron de Stosch*, havia divulgado a sua curiosa explicação dessa sentença de Eurípides, a qual conheceu nas mesmas palavras que se leem acima.

Grande fortuna teve a interpretação do ilustre arqueólogo de Stendal. Adotada pelos contemporâneos, desfrutava ainda hoje de geral favor. Grégoire não dissentiu dela, segundo se vê pela incompleta tradução que deu a êsse tópico: “Vois donc si par un vide entre deux des triglyphes, on pourrait se glisser”. E ilustrou-o com o seguinte comento: “Texte bien connu des archéologues, depuis que Winckelmann (*Werke* I p. 372) en a

déduit qu'à l'époque la plus ancienne, la métope (μετόπη, de ὀπή "intervalle vide") était non une planche ou une plaque de marbre, mais un espace libre, un vide entre les poutres du toit, dont les extrémités ont donné naissance aux triglyphes. Les monuments n'ont jamais confirmé cette hypothèse, qui repose entièrement sur notre passage".

Não tenho como percorrer em S. Paulo e no Rio os *Werke* de Winckelmann, que Grégoire provàvelmente cita na ed. iniciada em 1808 por Fernow e acabada por Meyer e Schultze em 1820. Mas o trecho apontado pertence às *Anmerkungen über die Baukunst der Alter*, primeiro publicadas, em Dresden, no ano de 1760, republicadas, com acréscimos em 1762 e incluídas na ed. francesa (1802) da *Geschichte der Kunst des Alterthums*, obra fundamental do grande pesquisador (1764). Figura ali no vl. II, pgs. 517-652, seguida de outras obras menores. E o que nos diz respeito é o seguinte (pgs. 578-9): "...L'intervalle qui restoit entre deux bouts de poutres et leurs triglyphes, appellé métope, étoit revêtu d'une maçonnerie, comme le remarque l'architecte romain; mais il paroît que, dans les plus anciens tems, cet espace restoit vide; ce qui donnoit du jour à l'entablement. C'est un passage d'Euripide qui me sugère cette idée; car au moment où Oreste et Pylade concertent ensemble sur les moyens d'entrer dans le temple de Diane, en Tauride, pour en enlever la statue de cette déesse, Pylade propose à son ami de passer entre les triglyphes, à l'endroit où il y avoit ouverture, ainsi que je crois devoir interpréter ces mots:

“Ὅρα δὲ γ’ εἶσω τριγλύφων, ὅπου κενόν  
Δέμας καθεῖναι...

...Suivant le sens le plus vraisemblable de ce passage, les métopes des plus anciens temples, dont Euripide nous donne ici l'idée, étoient sans doute ouverts, et offroient par conséquent le seul chemin qu'il y eût pour entrer dans le temple fermé. Le mot καθεῖναι (*demittere*), indique aussi qu'il falloit se laisser descendre; ce qui devoit se faire dans l'intérieur du temple".

É naturalmente Vitruvius o arquiteto a que se refere Winckelmann. A observação do romano acha-se exposta nestes termos em IV 22: "Ideo, quod antiqui fabri quodam in loco aedi-

ficantes, cum ita ab interioribus parietibus ad extremas partes tigna prominentia habuissent conlocata, inter tigna struxerunt supraque coronas et fastigia venustiore specie fabrilibus operibus ornaverunt, tum proiecturas tignorum, quantum eminebant, ad lineam et perpendiculum parietum praesecuerunt, quae species cum invenusta is visa esset, tabellas ita formatas, uti nunc fiunt triglyphi, contra tignorum praecisiones in fronte fixerunt et eas cera corulea depinxerunt, ut praecisiones tignorum tectae triglyphorum dispositionem et inter tigna metoparum habere in doricia operibus coeperunt”.

Muito se escreveu em defesa do modo de ver de Winckelmann. Temos v. g. em Weil, pg. 456: “τριγλύφων ἔπου κενόν, là où les triglyphes laissent des intervalles vides. Il faut se figurer ici des triglyphes primitifs, c’est-à-dire des têtes de solives placées sur l’architrave et séparées par des ouvertures. Plus tard, quand la pierre eut remplacé le bois dans la construction des temples, ces ouvertures furent fermées par les métopes. Dans *Oreste*, v. 1371, l’esclave phrygien s’échappe du palais des Atrides κερδωτὰ πασιδάων ὑπὲρ τέραμνα, θωρικᾶς τε τριγλύφους”.

Em Bellotti, l. III, pg. 340: “Che nel fregio dell’ordine dorico i triglifi rappresentino con tre regoletti perpendicolari e con tre scanalature (contate per una le due mezze laterali) le testate delle travi che internamente sostengono il tetto o le impalcature dell’edificio, tutti ciò fanno da Vitruvio (lib. IV, cap. 2); ma degli spazii intermedi fra un triglifo e l’altro, cioè delle metope, non si sa con pari certezza che si murassero e si adornassero poi con patere o fulmini o altri emblemi; e sembra che ragionevolmente Winckelmann da questo luogo di Euripide ritraesse che ne’ più antichi tempi lo spazio delle metope fosse lasciato vuol per comodo di aria o di luce; sicchè egli spiega che chi Pilade proponesse di passare per dove era il vuoto fra i triglifi, cioè per le metope (*Stor. Art. del Dis.*, Roma, 1783, t. III, pagina 47), spiegazione detta *giustissima* dal suo illustratore C. Fea, ed. approvata per altri critici. Nota G. Rinaldo Carli nelle *Antichità Italiane* (t. II, pag. 159), che *nella descrizione del tempio di Tauri presso Euripide si nominano i triglifi; ma in luogo di metope si conosce ch’erano delle finestre*. E di questa parte vuota fra i triglifi intendo anch’io che qui si faccia parola”. E em Berguin I, pag. 300, n. 275: “Les

triglyphes sont une partie de l'entablement d'un temple; leur alternance avec les Métopes constitue la frise. Les métopes, dalles de pierres lisses ou sculptées, n'existaient pas dans les édifices primitifs, en bois; il y avait des vides entre les triglyphes, têtes de solives placées sur l'architrave (Weil). — Pylade semble ici en revenir au projet d'escalade abandonné par Oreste; mais il indique un détail qui en facilitera l'exécution”.

Inteira razão assiste a Winckelmann quando dá mostras de admirado porque Barnes e o tradutor da ed. genavense, Canter, (7) homem de altíssimo saber, tenham pensado no espaço entre as colunas do templo como meio de acesso ao ναός. (8) Na verdade, o *intercolumnium* não dava ingresso senão no pórtico e isto nada representava para Orestes. Mas, se não erro nas conclusões a que chego neste trabalho, também o ilustre arqueólogo germânico não deu à pendência sua solução definitiva.

Pela noção que nos ministra Vitróvio no trecho transcrito acima, sabemos que *triglifos* eram as extremidades das vigas de sustentação do teto, cortadas verticalmente, no plano da parede externa; e, que, antes de serem revestidas, como o foram mais tarde, por placas marmóreas, estriadas, eram protegidas por taboinhas enceradas e pintadas.

*Métopas* chamavam-se os intervalos de um a outro tríglifo, diz-nos o mesmo autor em IV 2, 4, assinalando ao mesmo tempo que o nome deriva da circunstância de se situarem entre as cavidades destinadas a receber aquelas vigas: “Utraque enim, et inter denticulos et inter triglyphos quae sunt intervalla, *metopae* nominantur. *Opas* enim Graeci tignorum cubicula et asserum appellant, ut nostri ea cava *columbaria*. Ita quod inter duas opas est *intertignium*, id *metope* est apud eos nominata”.

À vista desses elementos verifica-se ser àrduamente admissível que as métopas pudessem constituir espaços abertos. Se tem o valor literal de δπη significa *abertura*, μετόπη, *o que está entre aberturas*. Como se há então de entender *uma abertura entre aberturas*? Não ignoro que os sequazes de Winckelmann previram e tentam anular o argumento alegando que δπη era a denominação primitiva da μετόπη e que êste nome só apareceu depois que aquele passou a ser dado ao vão de encaixe das traves do telhado (9). Mas, assim afirmando, não aduzem um



fato; apenas editam, em apoio de uma conjectura, outra conjectura. Teem, além disso, contra si o claro depoimento do arquiteto augusteus, que já nos primeiros construtores atribue, em IV 2, 2, a prática de fechar o citado intervalo: "...antiqui fabri quodam in loco aedificantes, cum ita ab interioribus parietibus ad extremas partes tigna prominentia habuissent conlocata, inter tigna struxerunt..." (10)

Importância decisiva não apresenta, porém, esta questão de saber-se se eram ou não abertas as métopas dos templos, na época em que Eurípides situa as agruras passadas pelos três Atridas entre os ferozes íncolas da Taúrica. Porque, ainda que se viesse a demonstrar que havia então um vazio entre os tríglifos, seria sempre necessário apurar-se se foi êsse realmente o caminho sugerido por Pílades a Orestes.

Do exame atento do problema decorre a resposta negativa. Tècnicamente, são grandes as dificuldades. Para que, passando entre os tríglifos, pudesse o Agamemnônida atingir o interior do templo, seria necessário que a parede da *cella* não fôsse mais alta do que o fôrro do entablamento sôbre o qual caminharia, ou que, pelo menos, não lhe vedasse intransponivelmente a passagem. Mas contra esta condição há o fato positivo de que o ναός era todo fechado, não se iluminando senão com lâmpadas, com a luz vinda da porta do πρόναος ou da porta do επίσθμος, de telhas de alabastro transparente ou por meio de clarabóias (11).

Mais grave é, porém o aspecto gramatical. Não se pode traduzir legitimamente a locução εἶσω τριγλύφων por "entre os tríglifos", pois não tem nunca o valor de "entre" a partícula εἶσω. Não há exemplo que o justifique. Seu significado exprime-se por "dentro", como em Ésq. *Sete* 232: σὸν δ' αὖ σιγαῖν καὶ μένειν εἶσω δόμων; em Sóf. *Tr.* 202-3: φωνήσατ', ὦ γυναῖκες, αἶ τ' εἶσω στέγης || αἶ τ' ἐκτὸς αὐλῆς...; em Eur. *Or.* 1531: Μενέλεων δ' οὐ τάρβος ἡμῖν ἀναλαβεῖν εἶσω ξίφους; ou por «para dentro», como em *Od.* VIII 135: καρπαλίμως ὑπὲρ οὐδὸν ἐβήσατο δώματος εἶσω; Eur. *Cie.* 195: ἔσω πέτρας τῆσθ' οὐπερ ἂν λάθοιτε γε; *Id.* *ib.* 484-6: δαλοῦ κώπην ἐχμάσας || Κύκλωπος ἔσω βλεφάρων ὤσας || λαμπρὰν ὄψιν διακναίσει; *Id.* *I. T.* 65-6: εἶμ' εἶσω δόμων || ἐν οἷσι ναίω τῶνδ' ἀνακτόρων θεᾶς; etc. E com isso se arruina de

todo a hipótese germânica, pois, mantido para τρίγλυφος vitruviano, a exata versão do tópico conduziria ao absurdo de que Píladés aconselhava a Orestes entrar para dentro da própria madeira das vigas.

Claro, portanto, que, se à preposição não se pode atribuir outro valor, é ao nome por ela regido que se deve entender diferentemente. Estará aí a chave para a exata interpretação dos dois versos. Passo a examinar com êste fito outros empregos da mesma palavra.

Não repugna admitir-se que o sentido técnico e particular descrito pelo engenheiro de Augusto é o que τρίγλυφος apresenta nos vs. 1214-5 das *Bacantes*, quando Agane indaga pelo filho, no desejo de que êle afixe à frontaria do palácio a cabeça do suposto leão que caçara:

ὡς πασσαλεύση κρᾶτα τριγλύφοις τόδε  
λέοντος ἔν πάρειμι θηράσασ' ἐγώ.

Mas o seu valor está sem dúvida muito ampliado nestes versos de Dífilo, citados por Ateneu 236 B:

ὅταν με καλέσῃ πλούσιος δειπνον ποιῶν,  
οὐ κατανοῶ τὰ τρίγλυφ' οὐδὲ τὰς στέγας,  
οὐδὲ δοκιμάζω τοὺς Κορινθίους κάδους

A referência que faz a τρίγλυφα, mencionando-os a par de στέγας, leva a supor que o comediógrafo quer indicar, com a primeira expressão, o entablamento inteiro, a parte superior do frontispício, ou, ao menos, o friso, que o embelezava, com a alternância de tríglifos pròpriamente ditos e métopas. Não aqueles sós, pois com suas simples estrias verticais nada tinham que fizesse jus a especial atenção.

Também com sentido de *entablamento* parece estar o vocb. em X 4 de *Ét. Nic.*, segundo se pode depreender da equiparação lógica que o Estagirita estabelece entre τρίγλυφος e κρηπίς (alicerces): ἡ γὰρ τῶν λίθων σύνθεσις ἑτέρα τῆς τοῦ κίονος ῥαβδώσεως καὶ αὐταὶ τῆς τοῦ ναοῦ ποιήσεως· καὶ ἡ μὲν τοῦ ναοῦ τελεία, οὐδενὸς γὰρ ἐνδεῆς πρὸς τὸ προκείμενον, ἡ δὲ τῆς κρηπίδος καὶ τοῦ τριγλύφου ἀτελής, μέρους γὰρ ἑκατέρω.

Com o mesmo significado se serve dele Eurípides no conhecido passo do *Orestes* 1369-73, onde o escravo frígio se salva do gládio do Agamemnônida, escapando por sôbre o fôrro de cedro (12) da câmara de Hélena, no palácio de Argos:

ἀργεῖον ξίφος ἐκ θανάτου πέφεργα,  
 βαρβάρους εὐμάρισιν,  
 κερδωτὰ πασιτάδων ὑπὲρ τέραμνα  
 δώρικάς τε τριγλύφους.

Neste exemplo, assim τέραμνα como τριγλύφους estão regidos por ὑπὲρ em acusativo, caso que induz para essa preposição, em questões de lugar, o valor de “por cima de”, “além de”. É fácil vê-lo em muitas outras construções como em *Il.* V 16-7: Τυδεΐδew δ’ ὑπὲρ ὤμον ἀριστερόν ἤλυθ’ ἀκωκή || ἔγχεος, οὐδ’ ἔβαλεν αὐτόν; em *Od.* III 72-3: ἦ τι κατὰ πρῆξιν ἦ μαψιδίως ἀλάλησθε, || οἷά τε ληϊστῆρες, ὑπὲρ ἄλλα, . . . em *Ésq.* *Eum.* 250-1: ὑπὲρ τε πόντον ἀπτέροις ποτήμασιν || ἤλθον διώκουσ’, οὐδὲν ὑστέρα νεώς . . . em *Sóf.* *Ant.* 1144-5: μολεῖν καθαροῖω ποδί Παρνασίαν ὑπὲρ κλιτύν, ἦ στονόεντα πορθμόν; em *Pl.* *Críciás* 108 E: πόλεμος τοῖς θ’ ὑπὲρ Ἡρακλείας σήλας ἔξω κατοικοῦσι καὶ τοῖς ἐντὸς παῖσιν . . . etc.

Pois, se o escravo fugiu ὑπὲρ τέραμνα e ὑπὲρ δωρικὰς τριγλύφους. Não pode ter passado sôbre o fôrro e entre os tríglifos. A palavra τριγλυφοὶ está aqui, sem dúvida, empregada no sentido que lhe conferem Dífilo e Aristóteles. Ganhando os *laquearia* do quarto, o amedrontado asiático esgueirou-se sôbre essa superfície ou sôbre as traves que a sustentavam, levantou as telhas junto ao entablamento, desceu-o, servindo-se dos relevos nele existentes, e atingiu, por fim, sem grande dificuldade, o solo.

*Erant omnino itinera duo.* Dos dois o menos aconselhável era certamente o arrombamento da porta, pois os rumores de tal operação não a deixariam passar despercebida. Doutro lado, os perigos resultantes da escolha da via alta, resumidos por Orestes na pergunta πῶς ἂν οὖν λάθοιμεν ἂν, ficariam conjurados se tivessem mão no empreendimento até a noite, noite sem lua, como indica a adjetivo *λυγαία*. Pois, à vista daquelas citas (13) compreende-se que, de modo geral, o caminho que Eurípides mostra apentado por Pílates ao primo é o mesmo que fez

depois adotar pelo servo do Tindárida (14), com a óbvia diferença de dever ser percorrido em sentido contrário. Orestes precisaria, subindo pelo lado exterior do templo, vencer o entablamento e percorrer em seguida o telhado, até a altura onde já, pela inspeção externa, sabia que o não deteria a parede do *vzós*. Nesse ponto, afastaria as telhas e desceria para as vigas inferiores ou para cima do *fôrro*, se existisse; e perfurado êste, chegaria, com o socorro de cordas e o vigor dos seus braços, ao piso do *ádito*.

Tal é o trajeto que nos revelam as três expressões contidas nos versos em exame e sem a correta análise das quais qualquer interpretação se tornará arbitrária: *εἶσω τριγύφων*, literalmente, *para dentro do entablamento*, isto é, para a região situada atrás dêste e abaixo do telhado; *ἄποι κενόν*, o lugar livre onde as paredes internas não mais constituíam obstáculo à penetração do *vzós*; *δέμας καθεῖναι*, ou seja, “*demittere corpus*”, *deixar-se cair*, porque, passando Orestes para dentro do entablamento e para dentro dêsse vazio (*κενόν*) da *cella*, seria sempre em descida o seu percurso.

Duro e aventuroso era o trabalho a executar. Exigia a coragem que os vs. 114-115 põem em relêvo com as palavras

τοὺς πόνους γὰρ ἀγαθοί  
τολμῶσι, δειλοί δ'εἰσὶν οὐδὲν οὐδαμοῦ

assim como a agilidade e o vigor de que a juventude guarda o privilégio. Não sem motivo termina o diálogo pelo verso

μόχθος γὰρ οὐδεὶς τοῖς νέοις σκῆψιν φέρει.

\*        \*

### CONCLUSÕES

1. A inteligência corrente que atribui a *προσαμβάσεις* nos vs. 97-98 da *I. T.*, o valor concreto de *escadas* ou *degraus* não é aceitável. Êsse composto tem aí o sentido abstrato de *ascensão*, que é, realmente, o seu significado originário e próprio de *nomen actionis*.

2. As excogitações da crítica textual que levaram a estabelecer, na ed. Budé (1925) e na ed. Loeb (1939), para os vs. 98-100 da *I. T.*, a redação que em ambas se lê, devem ser revistas, sem embargo da relativa fidelidade que guardam em relação aos mss. As melhores leituras para êsses versos são as que teem λάθοιμεν ἄν no v. 98 e ὃδ' οὐδὸν (ou ἄδυτον ou ἱερόν) ἔσιμεν no verso 100. A redação λάθοιμεν... ἔν' οὐδὲν ἴσιμεν não é convincente.

3. A expressão εἴσω τριγλύφων do verso 103 da *I. T.* não significa “entre os tríglifos”, como se vem traduzindo, sem nenhum escrúpulo gramatical, desde a publicação, em 1760, das *Observações sôbre a Architectura dos Antigos*, de Winckelmann; quer dizer “para dentro do entablamento”, pois que cedo se ampliou, na linguagem vulgar e literária, o valor do termo τριγλυφος. Nem a esta palavra se prende a oração relativa ἐπὶ κενόν, senão a δέμας καθεῖναι, como *compl. adv. de lugar para onde*. Com esta dupla retificação desapareceu o único fundamento até hoje conhecido da idéia de que, nos templos primitivos, as métopas constituíssem espaços vazios.

---



## NOTAS

(1) Também Pílades é Atrida, porque filho de uma irmã de Agamemão, casada com Estrófió, da Fócida, e à qual um escoliasta do *Orestes* dá o nome de Anaxília. Além de Atreu e de Tiestes teve Pélope outros quatro descendentes varões: Piteu, Plísteno, Alcátoo e Crisipo. Cf. Pínd. *O. I* 89: τέκνε τε λαγέτας ἕξ ἀρεταῖσι μεμαότας υἱοῦς.

(2) Para esta sumária notícia, cf. Fletcher pgs. 80 e ss., Whibley pgs. 261 e ss., Vitruvius IV 2-6.

(3) Barnes, vl. II, pg. 73: “ πρὸς ἀμβιάσεις Puto & hic legi debere conjunctim προσαμβιάσεις, ut Phoeniss. v. 492 & v. 751”.

(4) Outras.

(5) A emenda λάθουμεν ἄν acha-se proposta, à pg. 110 do t. 5 das *Mémoires de l'Académie des Inscriptions*, pelo Abade Claudio Sallier, erudito filólogo francês, emérito sabedor do grego e do latim, do siríaco e do hebraico, membro da Academia Francesa, da Academia das Inscrições e conservador da biblioteca real. Sallier, nascido em 1685, morreu em 1761.

(6) Johann Joachim Winckelmann, nascido em 1717 de pobre e humilde família da Saxônia, morto assassinado em Trieste, no ano de 1768. Viveu algum tempo em Roma como bibliotecário do Cardeal Passionei e, depois de 1855, como pensionista de Augusto III, eleitor da Saxônia e rei da Polônia. Além dessas obras e das que adiante cito, compôs mais o *Sendschreiben von den herculanischen Entdeckungen* (1762) e a *Nachricht von den neuesten herculanischen Entdeckungen* (1764), primeiros relatos criteriosos das excavações herculanenses.

(7) Guilherme Canter, humanista holandês, editor e tradutor dos três grandes trágicos, de Estobeu, de Aristides e outros oradores, autor do *Syntagma*, método para emendar mss. dos autores gregos, e das *Novae Lectiones*, valiosíssimas observações de filologia latina. Trabalhador prodigioso, Canter, nascido em Utrecht, no ano de 1542, morreu na cidade

de Lovaina, em 1575, depois de breve existência, toda consagrada, hora a hora, ao estudo e à produção intelectual. São póstumas as suas edições de Sófocles (1579) e de Ésquilo (1580). A de Eurípides tem a data de 1571.

(8) A rigor, Winckelmann não entendeu o latim de Canter nesse tópico. Onde êste diz “intra columnarum caelaturas”, *entre os cinzelados das colunas* e, portanto, *entre as colunas*, pergunta aquele (l.c.): “Comment se peut-il qu’un homme aussi savant, qui avoit vu l’Italie, ait pu penser qu’on ait cherché à entrer dans le temple par les annelures des colonnes, et que cela ait été possible?” Também não o compreendeu, a meu ver, quando acrescentou: “D’ailleurs, ici le mot *vide* (κενό) n’est point relatif à celui de corps (δέμας), ainsi que Canter l’a supposé; et il ne s’agit nullement de se rendre *svelte et léger*...” Mas Canter não supôs tal cousa, nem pretendeu que Orestes se devia tornar *esbelto e leve*. Os seus adjetivos “inane” et “expeditum” não modificam a “corpus”, mas se referem a “quo”. Por essa forma quis êle exprimir o ὅποι κενόν de Eurípides, interpretando-o como *para onde há um espaço vazio e desimpedido*. Seu êrro é o mesmo em que laboraram Weil, Köchly, Madvig, Kirchhoff, Blomfield, Elmsley, London e em que parece ter incidido o próprio Winckelmann, ao suporem que esta oração relativa completa o sentido de τριγλύφων, quando a sua função é a de complemento ilativo de δέμας καθεῖναι. E, enquanto τρίγλυφοί são, para êle, *intercolumnia*, são para os outros, *intertignia*.

Em abono da redação do sábio holandês, lembro César B.G.I. 27: “Hos certo signo revocare constituit, cum omnes milites naves conscendissent, atque iis expedito loco actuaria navigia relinquit”; e Cícero *Pro L. Flacco* XLI 104: “...cum illam viam sibi videant expeditiorem ad honores et ad omnia quae concupiverunt?”, etc.

(9) Liddell & Scott, s.v. τρίγλυφος: “...in Doric architecture, the *triglyph*, a *three-grooved tablet* placed at equal distance along the frieze; it seems orig. to have been the end of the beam (the spaces between being at first open and then called ὀπαί, afterwards filled up and called μετόπα)...”

(10) Como se depreende das referências feitas, em I 1, aos *Comentários* do arquiteto Pítio e, em VIII 3, aos escritos de Teofrasto, Timeu, Posidônio, Hegesias, etc., Vitruvius não compôs o seu *De Architectura* apenas baseado em observações pessoais, mas também nos trabalhos dos autores gregos que o precederam.

(11) Fletcher, pg. 80-3: “The entrance door was generally in the center of the last wall, behind the portico of Columns, and was frequently planned so that the sun might light up the statue in the naos. With the exception of the Temple at Agrigentum (p. 90) these buildings are



characterised by a general absence of windows, and this has given rise to several theories as to the method of admitting light; though this was really no difficult matter in the brilliant sunlight and bright skies of Greece, and indeed many authorities hold that light entered solely through the doorways. A clearstory concealed in the roof is the system favoured by Mr. Fergusson (p. 93 J); while Botticher suggested that the lighting was effected by means of skylights (p. 93 K), and others contend with greater reason that light from the temple door was supplemented by that from transparent Parian marble or alabaster roofing slabs, as well as by artificial illumination by oil lamps”.

Em III 2 diz Vitruvius sobre os templos ὑπαιθροί, cujo corpo central tinha no meio uma área descoberta, com colunas superpostas e pórticos laterais para passagem: “Hypaethros vero decastylos est in pronao et portico. Reliqua omnia eadem habet quae dipteros, sed interiore parte columnas in altitudine duplices, remotas a parietibus ad circumitionem ut porticus peristyliorum. Medium autem sub divo est sine tecto. Aditus valvarum et utraque parte in pronao et portico”. Esta descrição se acha quase irreconhecível em Méliida, pg. 98, onde se lê que o texto de Vitruvius “dice que en los templos que teniam columnatas superpuestas en el interior las galerias altas no tenian techo, y, por consiguiente, entraba la luz hasta el piso de la naos”.

É fácil de compreender-se que em templos dessa classe, todos de grandes dimensões como o Olimpieu de Atenas e o templo de Apolo Didimeu, em Mileto, a área sem cobertura se destinava a iluminar melhor a câmara do deus, fazendo-lhe chegar a luz de mais perto do que chegaria pelas portas do πρόναος e do ἐπισθόδομος. Ainda menor razão haveria aí para a existência de frestras ou aberturas de iluminação.

(12) τέραμνον tem igualmente o sentido de *fôrro* no *Hip.* 418, 536 e 768, assim como nas *Fen.* 333; vale o mesmo que *casas* nas *Tro.* 1296 e *Luc. Am.* 34. A êste respeito não ministram lição aproveitável nem Bailly nem Liddell & Scott. Observo que os versos do *Or.* acima transcritos e o v. 1296 das *Tro.* fazem pensar na existência de escadas internas pelas quais era possível atingirem-se facilmente os fôrros das casas.

(13) Tem um valor que não se pode precisar, mas que não deve ser muito diverso do que foi exposto, o τρίγλυφον do navio descrito em *Ateneu* 208 B: ἀτλαντές τε περιέτρεχον τήν ναῦν ἐκτός ἑξαπήχεις, οἱ τοὺς ὄγκους ὑπειλήφessαν τοὺς ἀνωτάτω καὶ τὸ τρίγλυφον, πάντες ἐν διαστήματι συμμέτω βεβῶτες.

*Colossos de madeira, com seis côvados de altura, colocados exteriormente, à roda do navio, sustentavam as obras de cima e o tríglifo, separados todos, um do outro, por igual distância.*

(14) A *Ifigenia entre os Tauros* foi levada à cena, provavelmente, em 414; o *Orestes* é de 408.



**A**  
**Cadeira de Língua  
e Literatura Grega**

pede e agradece a remessa de suas publicações  
vous prie de lui envoyer vos publications  
shall be glad to receive your publications  
chiede e ringrazia per l'invio delle sue pubblicazioni  
bittet Sie um Zusendung Ihrer Veröffentlichungen  
le agradecerá el envío de sus publicaciones



**CADEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA GREGA**

**Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo**

CAIXA POSTAL 8.105 — SÃO PAULO - BRASIL

SÃO PAULO  
TIPOGRAFIA BRASILEIRA  
ROTHSCHILD LOUREIRO & CIA. LTDA.  
Rua 15 de Novembro, 201  
1952